

A DECOLONIZAÇÃO DA RELAÇÃO MULHER-CASA EM *SO FAR FROM GOD* (1993), DE ANA CASTILLO

Danielly Cristina Pereira Vieira¹

RESUMO

Hegemonicamente, a relação mulher-casa é entendida pela perspectiva do lar como opressivo. Percebendo a necessária decolonização dessa relação, o objetivo deste artigo é refletir sobre esse vínculo em *So far from God* (1993), de Ana Castillo. Para isso, utilizou-se teorias feministas decoloniais como María Lugones (2020) a fim de rever conceitos hegemônicos; teóricas como Susan Strehle (2008) e bell hooks (1990) focando a relação mulher-casa; e teóricas como Gloria Anzaldúa (2012, 2015) e Ana Castillo (2014) sobre a realidade chicana. Concluiu-se que a casa difere da proposta hegemônica quando analisada decolonialmente, reverberando acolhimento e resistência contra a opressão patriarcal colonial.

Palavras chaves: Decolonialidade, Literatura Chicana, Identidade, Feminismo Chicano.

Por que decolonizar?

A escritora nigeriana Chimamanda Adichie (2009) afirma que uma das formas de se exercer poder sobre um grupo é controlando as imagens transmitidas acerca dele. Por isso, a autora salienta a necessidade de se recontar as histórias dos grupos submetidos a esse tipo de controle a fim de complexificar e enriquecer as suas imagens para aproximá-las da realidade vivida e afastá-las das concepções estereotípicas difundidas. Dentro desse contexto, uma perspectiva decolonial se torna fundamental pois os processos de colonização e a brutalidade imperial seguem presentes nas estruturas sociais das populações violentadas por esses sistemas de dominação. Na América Latina é visível o espólio colonial, por exemplo, nas desigualdades sociais, no racismo, no patriarcalismo, na ameaça neoliberal e na fragilidade da nossa democracia. Além disso, as noções de direito, poder e hierarquia também se estruturaram, em muito, a partir dessa herança repressiva e discriminatória que exerce poder sobre nossos corpos e as nossas subjetividades.

¹ Doutoranda e bolsista CNPq no Programa de Pós-Graduação em Letras com área de concentração em Teoria da Literatura da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. E-mail: daniellycpvieira@gmail.com

Debruçando-se sobre essa conjuntura, intelectuais do Sul global passaram a reivindicar novas perspectivas teóricas e analíticas que relesem histórica, política e socialmente as nossas realidades. Desse modo, o processo de(s)colonial é impulsionado pela necessidade de repensar as relações humanas e as perspectivas teóricas utilizadas para seu estudo de modo a iniciar uma libertação epistemológica da África e da América Latina, a fim de construir conhecimentos que rompam as correntes teóricas do Norte Global e que sejam mais apropriadas para a análise dessas realidades.

No entanto, como salienta María Lugones (2020), em um primeiro momento, os teóricos que participaram do giro decolonial tenderam a manter a compreensão da categoria *gênero* pautada no padrão moderno/colonial, isto é, heterossexual, patriarcal, eurocêntrico, capitalista e global. Por isso, a teórica defende a necessidade de voltarmos para as relações de gênero a fim de também trabalharmos para a sua decolonização, promovendo, assim, uma análise mais adequada e acurada para as realidades Latino-Americanas que, em muitos pontos, distinguem-se da proposta pelo Norte global, isto é, do feminismo branco burguês, por exemplo. Emergindo, então, o feminismo decolonial questiona a concepção de subordinação das mulheres proposta pelo feminismo hegemônico por meio de suas experiências particulares, que estão, nas palavras de Ochy Curiel (2020, p. 121), “reproduzindo o racismo, classismo e heterossexismo em suas teorias e práticas políticas”. Partindo dessa perspectiva, entendo como necessário o aprofundamento dos estudos de gênero a partir de uma perspectiva decolonial.

Dito isso, argumento que a categoria casa, mais especificadamente a relação mulher-casa, tem sido trabalhada hegemonicamente por meio da ótica que posiciona a mulher branca burguesa restrita ao ambiente doméstico opressivo, inferiorizado e inferiorizante, em oposição à vida pública e dominante do homem branco burguês, sendo esta conjuntura um reflexo da construção e da imposição dos papéis sociais desses sujeitos. Não buscando desmentir essa concepção que, de diferentes formas, foi imposta e estendeu-se pelo Sul global, busco trazer uma perspectiva distinta da relação mulher-casa. Para isso, meu objetivo é analisar a relação construída por Ana Castillo em sua obra *So far from God* (1993) entre Sofia, mulher chicana e matriarca da sua família, suas filhas e o lar.

So far from God, so close to home

Na obra escrita por Ana Castillo, *So far from God* (1993), vemos como a perda de direitos pela terra ancestral desde a colonização, passando pela Guerra Mexicano-Americana no século XIX – que levou a perda de uma grande porção de terra mexicana para os Estados Unidos e que marca o início de forte tensão, violência e discriminação racista com a população mexicana e seus descendentes habitantes dessas regiões – reverberam até a contemporaneidade na realidade dessas populações.

Dentro dessa perspectiva, as mulheres de *So far from God* (1993), de Ana Castillo são personagens obrigadas a se movimentarem, partindo da casa familiar em busca de outras possibilidades de vida, mas também carregam em si as raízes da permanência, pois, de algum modo, retornam ao lar ancestral enquanto a mãe, Sofia, luta pela manutenção da posse da casa e contra as forças que tentam a expulsar.

Tradicionalmente, no Ocidente, o lar foi categorizado como um espaço privado em uma oposição maniqueísta ao espaço público da sociedade. Como lembra Susan Strehle (2008), o espaço da casa era idealizado como o local no qual as mulheres, estabelecidas e acomodadas, estariam protegidas da agressividade da vida social, espaço de prática de poder masculino. Porém, Strehle (2008) destaca como perspectivas feministas e pós-coloniais (acrescento, decoloniais) atuaram para a revelação do espaço doméstico como um local de prática de poder.

Acerca do lar, bell hooks (1990) disserta sobre como, na sua infância, existia a crença de que essa instituição pertencia às mulheres, mas não exatamente como propriedade-casa, e sim como um local-lar, espaço de proteção e nutrição tanto física quanto espiritual. hooks (1990) salienta que, tendo o sexismo posicionado as mulheres em espaços privados, coube à mulher negra a realidade desgastante de servir a propriedade-casa do outro branco e de manter seu próprio local-lar para sua família. Em perspectiva similar, Ana Castillo (2014) se refere à situação das mulheres chicanas que frequentemente são cobradas para que sejam esposas e mães devotadas, além de provedoras econômicas. Nesse contexto, mantém-se em segundo plano a realidade material das condições em que se encontram essas mulheres na busca por suprir a necessidade de sua família.

Assim, argumento que o lar nunca é um local neutro. Por isso, ele pode ser um local de opressão, contudo, também funciona como um espaço político que se opõe às invasões, dominações e destruições físicas, culturais e psicológicas institucionalizadas

na sociedade. Nesse ponto, Ana Castillo constrói em *So far from God* um local-lar de resistência contra uma sociedade colonial, racista e patriarcal, um local de desconstrução de fronteiras impostas e de movimentação, enquanto narra a saga de uma família de mulheres chicanas da classe trabalhadora. Utilizando da ironia e da ambiguidade, Castillo apresenta uma consciência apenas aparentemente contraditória de partida e de pertencimento, já que, em muito, reflete a construção da mulher chicana enquanto, nas palavras de Gloria Anzaldúa (2012), *mestiza*, isto é, com a capacidade de unir o plural, o ambivalente, em uma consciência que funciona como uma força motriz de quebra de paradigmas. Nesse sentido, na obra, há tanto a batalha do ir, cada uma a seu modo, quanto a luta pelo ficar por meio da manutenção e persistência desse local-lar subjetivo e até da propriedade-casa em si. Nesse contexto, Castillo segue a perspectiva de hooks ao desconstruir a ideia do local-lar como algo primordialmente doméstico e passivo, retratando-o como um local político de ação enquanto ponto de partida e também como ponto de retorno.

Clarissa Pinkola Estés (2014) afirma que o ato de retornar ao lar é não apenas indispensável, mas um movimento natural. Para Estés (2014, p. 324), retornar ao lar “é a capacidade de encontrar, à luz do sol ou nas trevas, nossa terra natal. Todas nós sabemos voltar para casa. [...] Ele fica em um local interno, um lugar em algum ponto do tempo, não do espaço, onde a mulher se sinta inteira”. Acerca do momento do movimento, ela é direta: “Ela vai porque chegou a hora, e por isso precisa ir” (2014, p. 326). Entretanto, afirma também que nem todas conseguem realizar esse retorno. Nessa perspectiva, *So far from God* (1993) conta a história dessas relações.

Dito isso, analisarei brevemente a movimentação dessas mulheres, suas buscas e seus caminhos de retorno ao lar maternal, afinal, Sofia passa a vida lutando para não ser expulsa da sua propriedade-casa, mantendo-o como local-lar, um farol para suas filhas, já que “todas nascidas com exatos três anos de diferença entre elas, foram cada uma para o mundo e todas eventualmente retornaram para a casa da sua mãe” (CASTILLO, 1993, p. 25 [tradução minha]²)³.

Sofia

² Todas as traduções desse artigo são de minha autoria.

³ “[...] all born exactly three years apart from each other, had each gone out into the world and had all eventually returned to their mother’s home” (CASTILLO, 1993, p. 25).

Sofia, a matriarca, se vê sozinha com suas quatro filhas crianças quando seu marido abandona a família. Longe da passividade, Sofia sustenta as filhas administrando um açougue, herança familiar, que ela mesma abastece abatendo os animais que cria. Diversos são os problemas que acometem as filhas de Sofia e que a obriga a permanecer firme, a fim de prover algum tipo de estabilidade, um local-lar para suas filhas.

Só então Fe acordou e as paredes começaram a vibrar com seus gritos e como todos, incluindo os cães e gatos, estiveram concentrados em La Loca por um momento, eles se assustaram, em uníssono. La Loca começou a chorar mais forte e Sofi, que não aguentava mais a realidade de uma filha permanentemente traumatizada, outra que era mais fantasma do que deste mundo, e uma terceira que era a criança mais linda que ela deu à luz e que havia sido cruelmente mutilada, deixou-se afundar no sofá e começou a soluçar.

“Mãe. Mãe. Por favor, não desista”, gritou Esperanza (CASTILLO, 1993, p. 34)⁴.

Percebe-se a posição de Sofia como a figura da mãe a que se refere bell hooks (1990), que é colocada em uma posição exaustiva de constante fortaleza para os demais. Nessa conjuntura, o marido de Sofia, um apostador, a abandona com poucos anos de casado, quando a filha mais nova ainda era bebê. O casamento aconteceu contra a vontade da família e de conhecidos próximos de Sofia por essa característica de Domingo e todos apenas esperaram o fim inevitável dessa relação. Nesse processo, Domingo perde no jogo diversos pertences de Sofia que vão sendo levados como partes de sua história.

Que homem honrado fingiria ser louco para não cumprir seu dever no Exército? Sem mencionar o fato de que aos poucos ele havia arrematado todas as joias de Sofi, o colar de prata e verde turquesa que ela ganhou no dia do casamento, que foi passado para ela por sua bisavó, e o anel de safira que seu pai comprou para ela em seu décimo quinto aniversário? Pior de tudo, Domingo vendeu os dez acres que lhes foi dado pelo avô de Sofi como presente de casamento, sem nem mesmo consultar Sofi. Pelo menos, Sofi pensou consigo mesma ao

⁴ “Just then Fe woke up and the walls began to vibrate with her screaming and since everyone including the dogs and cats had been concentrations on La Loca for a moment, they gave a start, in unison. La Loca began to cry harder and Sofi, who couldn’t take no more the reality of a permanently traumatized daughter, another who was more ghost than of this world, and a thirrd who was the most beautiful child she had given birth to and who had been cruelly mutilated, let herself sink into the couch and began to sob.

“Mom. Mom. Please, don’t give up,” Esperanza called out” (CASTILLO, 1993, p. 34).

longo dos anos, ele teve o bom senso de deixá-la a casa para que ela pudesse ter um lar para seus filhos quando ele partiu (CASTILLO, 1993, 105)⁵.

Desse modo, o casamento pode ser entendido como o início do processo de exílio da personagem, que vai sendo obrigada a se desprender de suas raízes e de suas memórias com a perda da terra e dos objetos herdados. Esse processo faz com que Sofia passe a valorizar a casa que mora com as quatro filhas, visto que além dela ser o teto que sobrou sobre as suas cabeças, é o local-lar de suporte e acolhimento que reverbera a sua história ancestral.

A casa, na vida de Sofia, passa a ter uma maior simbologia principalmente depois da morte e ressurreição de La Loca aos três anos que, ao voltar à vida, passa a não suportar a presença humana no convívio social, o que exila Sofia dentro da própria casa.

Enclausurada, a vida de Sofia, por muito tempo, se torna a casa e suas filhas. De todas as personagens, Sofia e La Loca são as que permanecem dentro de casa, utilizando-a como um espaço de crescimento e conexão com sua herança. Ambas cuidam da terra, dos animais, da cozinha, transformando o lar em um ponto estratégico de resistência frente à cultura branca dominante que, ao mesmo tempo que as interpretaria como objetivos passivos e domésticos, também trabalha, aos poucos, para cercá-las, e expulsá-las da propriedade. Essa situação demanda de Sofia a fluidez descrita por Anzaldúa (2012), isto é, a consciência *mestiza*.

No entanto, o retorno de Domingo coloca em prova essa fluidez de Sofia, quando este perde a casa em uma aposta, o único erro que Sofia não perdoa por ser a casa o seu último vínculo com a sua história.

Mas a casa, aquela casa de barro, palha e estuque e em alguns lugares de tijolos – que tinha sido de sua mãe, de seu pai e de seus avós, aliás, e na qual ela e sua irmã haviam nascido e foram criadas – aquela casa tinha pertencido a *ela*. A lei, entretanto, baseada na “propriedade da comunidade”, estabelecia que a casa também pertencia ao seu marido

⁵ “What honorable man would pretend to be crazy so as not to go do his duty in the Army? Not to mention the fact that he had little by little hocked all of Sofi’s jewelry, the silver-and-green-turquoise necklace she had been given on her wedding day that had been passed down to her from her great-grandmother, and the sapphire ring that her father had bought her for her fifteenth birthday? Worst of all, Domingo had sold the ten acres parceled out to them by Sofi’s grandfather as a wedding present without even Consulting Sofi. At least, Sofi thought to herself over the Years, he had had enough sense to leave her the house so that she could have a home for their children when he left” (CASTILLO, 1993, 105).

legal que permaneceu, mesmo depois de vinte anos sendo a Abandonada, Domingo (CASTILLO, 1993, p. 213)⁶.

A flexibilidade de Sofia pode ser vista quando, mesmo perdendo a propriedade, ela não só consegue permanecer no seu lar ao fazer um acordo com o novo dono – ironicamente, um juiz que ganha a casa em uma disputa ilegal de briga de galo –, como se divorcia de Domingo sem sinais de rancor ao oferecer a ele uma pequena construção que fora erguida outrora para Caridad. Destaco como, apesar de ter chegado ao seu limite e não querer continuar casada com Domingo, não é uma opção deixá-lo sem moradia, sem um lugar de raiz, no qual ele possa assentar-se. Fica nítida, então, a importância que Sofia atribui à existência de um lar.

Todavia, tudo ao redor de Sofia segue tentando exilá-la de suas raízes:

Sofia dedicou toda a vida a ser uma boa filha, uma boa esposa e uma boa mãe, ou pelo menos se esforçou tentando, e agora ela se perguntava – “E pra quê? Merda!” Ela disse isso em voz alta e depois se benzeu. Agora não havia mãe para homenagear, nenhum pai para respeitar, nenhuma filhinha por quem se sacrificar, nenhum rancho para manter, nenhuma terra para trabalhar. Nada mais para cuidar, exceto por la Loquita, seu bebê eterno (CASTILLO, 1993, p. 218)⁷.

Pode-se traçar um paralelo entre a situação de Sofia e a trazida por Ana Castillo (2014), ao se referir aos ativistas da causa latina nascidos nos Estados Unidos com ancestrais que remontam desde antes da cessão mexicana: “‘Nós não cruzamos a fronteira’, diz o ditado do Sudoeste, ‘a fronteira nos cruzou’” (2014, p. 23). Desse modo, para Sofia, a permanência na casa é símbolo de enraizamento e de resistência contra uma cultura branca dominante que a empurra para longe, que tenta exilá-la de sua memória.

Como destaca a comadre de Sofia:

⁶ “But the house, that home of mud and straw and stucco and in some places brick – which had been her mother’s and father’s and her grandparents’, for that matter, and in which she and her sister had been born and raised – that house had belonged to *her*. The law, however, based on “Community property,” started that the house also belonged to her legal husband who remained, even after twenty years of being la Abandonada, Domingo” (CASTILLO, 1993, p. 213).

⁷ “Sofi had devoted her life to being a good daughter, a good wife, and a good mother, or at least had given it all a hell of a good try, and now she asked herself — “¿Y pa’ qué? ¡Chingao!” She said this aloud and then crossed herself. Now there was no mother to honor, no father to respect, no ‘jitas to sacrifice for, no rancho to maintain, no land left to work. Nothing to look out for no more, except for la Loquita, her eternal baby” (CASTILLO, 1993, p. 218).

Bem, o que devemos fazer, comadre? Tudo o que conhecemos é esta vida, vivendo da nossa terra, que fica cada vez menor e menor. Você sabe que minha família já teve 300 acres para cultivar e agora tudo que consegui tirar do trabalho duro do meu pai – e do pai dele e do pai dele – é quase nada, apenas uns míseros dez acres agora, não mais, comadre! Quase só o suficiente para minha família viver!
“E eu tenho ainda menos”, disse Sofi (CASTILLO, 1993, p. 139)⁸.

Sofia, ao lembrar das palavras de Esperanza, sua filha revolucionária e morta na guerra, destaca que elas não deveriam aceitar essas imposições ou todos seguiriam vivendo pobres e esquecidos. É com esse entendimento que Sofia expande sua luta pela permanência em uma sociedade que tenta expulsá-la não apenas pela manutenção da sua própria casa, mas por toda sua comunidade, o que culmina na sua transformação em *la Mayor Sofía of Tome*.

Ao fim do livro, quando La Loca também morre, Sofia, diferente das demais filhas, já mortas, mas que escolheram uma jornada para fora do lar, mantém sua jornada para dentro, um percurso de resistência e retorno ancestral, ao se tornar a presidenta da organização *Mothers of Martyrs and Saints* (Mães de Mártires e Santos), uma instituição que adora não apenas os filhos mártires e santos dessas mulheres, mas a casa primeira, o ponto de partida primeiro, o útero materno.

Esperanza

Única filha de Sofia que foi para Universidade, formando-se em Estudos Chicanos, Esperanza, a mais velha, era a filha corajosa, revolucionária. Trabalhando como jornalista, recebeu uma proposta de trabalho em Houston no auge da crise familiar (Fe como la gritona, Caridad mutilada e La Loca sem conseguir ter contato com outros seres humanos), uma oportunidade entendida como meio para romper com as amarras provincianas e para seguir uma carreira. Porém, uma ligação de Rubén, seu namorado da faculdade que terminara a relação para se casar com uma mulher branca, o coloca

⁸ “Well, what ARE we supposed to do, comadre? All we have ever known is this life, living off our land, that just gets más smaller y smaller. You know than my familia once had three hundred acres to farm and now all I got lift of mt father’s hard work – and his father’s and his father’s – is casi nada, just a measly ten acres now, no más, comadre! Barely enough for my Family to live on!
“And I have even less,” Sofi said” (CASTILLO, 1993, p. 139).

novamente na sua vida, “eles acabaram retomando de onde pararam e, para encurtar a história, ela também não foi para Houston naquele ano” (CASTILLO, 1993, p. 35)⁹.

Apesar daquelas características mais nítidas que a impulsionariam na sua jornada para fora de casa, Esperanza se questionava acerca da sua fluidez:

Ela passou a vida inteira tentando descobrir por que ela era do jeito que era. No colégio, embora rebelde, ela era católica de alma e coração. Na faculdade, ela teve um romance com o marxismo, mas ainda católica. Na pós-graduação, ela era ateuista e, em geral, uma cínica. Ultimamente, ela orou para a Vovó Terra e o Vovô Céu. Para completar, entretanto, ela estava lendo uma enxurrada de livros de autoajuda. Ela leu tudo o que pôde encontrar sobre famílias disfuncionais, certa agora que parte de seu sentimento pessoal de deslocamento na sociedade tinha a ver com sua educação (CASTILLO, 1993, p. 37)¹⁰.

Percebe que o movimentar, esse sentimento de viver cruzando as fronteiras entre as culturas branca, mexicana e indígena constitui a existência de Esperanza desde muito cedo, uma condição que Castillo (2014) nomeia de uma “existência esquizofrênica” [*“schizophrenic-like existence”*] (p. 36). Para Gloria Anzaldúa (2012), “estas inúmeras possibilidades deixam *la mestiza* à deriva em mares desconhecidos” (p. 101)¹¹ que a impossibilitam de se prender a rígidas fronteiras, criando uma tolerância para a ambiguidade. Desse modo, ao mesmo tempo que busca uma carreira e independência, Esperanza se relaciona com Rubén, um homem que, apesar de valorizar a cultura ancestral, não aprova a atitude dela de se dedicar ao trabalho mesmo ele usufruindo financeiramente dela. É mergulhada nessa consciência *mestiza*, que Esperanza tanto sofre com as dificuldades e dores desse processo, como também se abastece da energia desse movimento contínuo e que permite que ela quebre os paradigmas que tentam cercar e nublar a sua existência.

⁹ “they ended up picking up where they left off, and to make a long story short, she didn’t get to Houston that year, either” (CASTILLO, 1993, p. 36).

¹⁰ “She had spent her whole life trying to figure out why she was the way she was. In high school, although a rebel, she was Catholic heart and soul. In college, she had a romance with Marxism, but still Catholic. In graduate school, she was atheist and, in general, a cynic. Lately, she prayed to Grandmother Earth and Grandfather Sky. For good measure, however, she had been reading a flurry of self-help books. She read everything she could find on dysfunctional families, certain now that some of her personal sense of displacement in society had to do with her upbringing” (CASTILLO, 1993, p. 37).

¹¹ “These numerous possibilities leave *la mestiza* floundering to uncharted seas” (ANZALDÚA, 2012, p. 101).

Enquanto mulher chicana, era esperado que Esperanza se casasse e tivesse filhos, mas ela “era o tipo de mulher para o qual nenhuma cidade era grande o suficiente, não importa em que categoria se pudesse colocá-la” (CASTILLO, 1993, p. 47)¹². Então, após a recuperação das suas irmãs e de romper com Rubén, ela aceita uma proposta de emprego em Washington, D.C. Mas, um mês depois, ela retorna ao lar familiar por não encontrar nos livros de autoajuda escritos por mulheres brancas ou nos rosários a coragem que ela precisaria: Esperanza estava sendo enviada para cobrir a guerra na Arabia Saudita. Percebe-se que a cultura hegemônica, por meio dos livros de autoajuda e a herança europeia do cristianismo, não são suficientes para ajudá-la nesse processo. Esperanza, assim, encontra-se em uma encruzilhada, na dúvida se segue o caminho de retorno e da cultura ancestral e volta para casa ou se rompe com a tradição ancestral e segue a imposição da cultura dominante. Sofia, então, exerce seu papel materno e provém o local-lar de retorno e conforto para Esperanza, acolhendo-a ao cozinhar suas comidas favoritas naquele que seria o último fim de semana com a filha em vida.

Na busca por traçar seu próprio caminho, Esperanza investe em se afastar do mundo doméstico, do local-lar criado por sua mãe e habitado por ela e suas irmãs e adentra no extremo oposto, em um dos expoentes mais violentos da instituição patriarcal: a guerra. Essa escolha a encaminha para um desaparecimento enquanto prisioneira de guerra que terminará com sua morte. Por meio da morte, Esperanza é libertada da guerra e faz uma nova jornada de retorno em forma espectral ao ponto de refúgio, a casa materna.

Na obra, a notícia da morte da Esperanza é entregue a família por meio de La Llorona, afinal:

Quem melhor do que La Llorona, poderia o espírito de Esperanza ter encontrado, pensando bem, se não uma mulher que recebera uma má reputação de todas as gerações de seu povo desde o início dos tempos e ainda, para o espírito-mente de Esperanza, La Llorona no início (antes que os homens ficassem no caminho de tudo) pode ter sido nada menos que uma deusa-mãe amorosa (CASTILLO, 1993, 162-163)¹³.

¹² “Esperanza was the kind of woman that no town was big enough for no matter what category one might put her in” (CASTILLO, 1993, p. 47).

¹³ “Who better but La Llorona could the spirit of Esperanza have found, come to think of it, if not a woman who had been given a bad rap by every generation of her people since the beginning of time and

Após a notícia entregue, de deusa-mãe para mãe e filhas, elas se abraçam e “começaram a chorar e gemer como Cihuacoatls, abraçadas e lamentando a perda da filha mais velha de Sofi” (CASTILLO, 1993, p. 162)¹⁴, uma imagem de fortalecimento dos vínculos tanto maternos quanto ancestrais. Após essa ocasião, a própria forma espectral de Esperanza, a “filha transparente” [*transparente daughter*] (CASTILLO, 1993, p. 163), passa a ser vislumbrada pela família, concluindo o seu retorno ao local-lar de refúgio e resistência. Enquanto espírito, Esperanza se liberta dos interstícios que sempre a atormentaram e pode, finalmente, estar em paz com a sua “constante mudança de formas, *renacimientos de la tierra madre*” (ANZALDÚA, 2012, p. 113)¹⁵.

Caridad

Enquanto Esperanza representa a inquietação da mulher chicana dividida entre culturas, entre o mundo público e o mundo doméstico, entre o dito papel da mulher e sua vontade de seguir uma carreira profissional, a jornada de Caridad espelha como a sociedade lida com o corpo feminino.

A característica mais marcante de Caridad é sua beleza. Descrita como tendo uma pele suave e macia como porcelana e um quadril largo que atraia a atenção e comentários masculinos indesejados, Caridad cursa um ano na universidade, mas abandona-a e se casa com Memo, seu namorado desde a escola, após engravidar. No entanto, rapidamente ela descobre uma traição e retorna ao lar materno. Em um processo de idas e vindas, o casamento é anulado após Caridad sofrer três abortos, todos performados por La Loca. Contudo, ela afirmava que teriam ocorrido espontaneamente, devido às decepções com as traições de Memo. Ana Castillo destaca que a mentira entre as irmãs era necessária, pois o aborto era caso não apenas de excomunhão das duas, mas de prisão de La Loca por cometer “um crime contra o homem se não um pecado contra Deus” (CASTILLO, 1993, p. 27). Dessa forma, a primeira tentativa de sair do lar materno em direção ao lar marital é frustrada pela decepção.

yet, to Esperanza’s spirit-mind, La Llorona in the beginning (before men got in the way of it all) may have been nothing short of a loving mother goddess” (CASTILLO, 1993, 162-163).

¹⁴ “(...) began to wail and moan like Cihuacoatls, holding each other and grieving over the loss of Sofi’s oldest child” (CASTILLO, 1993, p. 162).

¹⁵ “A constant changing of forms, *renacimientos de la tierra madre*” (ANZALDÚA, 2012, p. 113).

Memo entra para a marinha e, sozinha e com tendências alcoólicas, Caridad passa a sair à noite e a se relacionar com diversos homens até o dia que retorna para casa mutilada:

Havia muito sangue para ver na hora, mas depois que Caridad foi levada de ambulância para o hospital, tratada e salva (por pouco), Sofi foi informada de que os mamilos de sua filha haviam sido arrancados a mordidas. Ela também havia sido açoitada com algo, marcada como gado. Pior de tudo, uma traqueostomia foi realizada porque ela também havia sido apunhalada na garganta (CASTILLO, 1993, p. 33)¹⁶.

Desse modo, na segunda tentativa de afastamento da vida no lar materno, Caridad também encontra violência em um ataque brutal. A violência sofrida desperta duas atitudes da sociedade: uma parcela entende a situação como de forma naturalizada, como motivo de oração pela recuperação de uma jovem atacada e outra que “não tinha bondade no coração para uma jovem que curtiu a vida” (CASTILLO, 1993, p. 33)¹⁷. Gloria Anzaldúa (2012) argumenta que, na cultura chicana, a mulher costumava ter três caminhos tradicionais a seguir: para a igreja como uma freira, para a rua como prostituta e para o lar como mãe. A mulher que segue o caminho da rua era considerada um fracasso. Por isso, a mutilação do corpo foi o castigo recebido por Caridad ao ousar sair de casa e ir para a *rua*. Por sua vez, é em casa, com sua mãe e irmãs, local para onde o “que sobrou dela” (CASTILLO, 1993, p. 37)¹⁸ foi levado depois de três meses no hospital, que ocorre a “Sagrada Restauração” [*Holy Restoration*] (CASTILLO, 1993, p. 43).

Misteriosamente recuperada com as orações de La Loca, Caridad decide, pela terceira vez, sair de casa, mas agora seguindo outro caminho. Em uma jornada transcendental, ela se muda para um complexo de trailers, onde conhece Doña Felicia, a senhoria, que a inicia no curandeirismo. Castillo (2014) destaca como as mulheres, mesmo, muitas vezes, não sendo as representantes oficiais, preservaram práticas

¹⁶ “There was too Much blood to see at the time, but after Caridad had been taken by ambulance to the hospital, treated and saved (just barely), Sofi was told that her daughter’s nipples had been bitten off. She had also been scourged with something, branded like cattle. Worst of all, a tracheotomy was performed because she had also been stabbed in the throat” (CASTILLO, 1993, p. 33).

¹⁷ “[...] there is no kindness in their hearts for a young woman who has enjoyed life, so to speak” (CASTILLO, 1993, p. 33).

¹⁸ “[...] what was left of her” (CASTILLO, 1993, p. 37).

religiosas por meio dos rituais diários herdados com o passar das gerações. Para Castillo (2014, p. 153):

Uma tendência crescente entre aquelas de nós que buscam estilos de vida não tradicionais é retornar a caminhos há muito perdidos em busca de uma nova direção para nossas vidas, e algumas de nós desenterraram os caminhos de nossos ancestrais ameríndios mexicanos preservados por nossos anciãos mestiços e mestiças, mais frequentemente mulheres, na forma de curandeirismo.

Pode-se dizer que Caridad experimentou os três caminhos tradicionais disponíveis para a mulher chicana de acordo com Anzaldúa (1993): primeiro para o lar matrimonial, em seguida para a rua e, em terceiro, para a prática ritual. Nessa última, Caridad desenvolve sua espiritualidade ancestral, construindo uma vida diária baseada em rituais de conexão com suas raízes culturais. Esse caminho é expandido quando, após se apaixonar, Caridad inicia uma quarta jornada na qual passa um ano no deserto até ser encontrada em uma caverna nas montanhas.

Caridad é encontrada por Francisco el Penitente que a tenta arrancar do solo, onde ela se deita em resistência, enraizando-se a tal ponto que três homens adultos não conseguem levantá-la. A ironia construída por Castillo se pauta em como Caridad, tão determinada a sua espiritualidade ancestral feminina, é encontrada por um homem católico fervoroso que acredita que não conseguiu movê-la por não ser a vontade de seu Deus, orando em favor dela e pediu perdão divino por ter tentado usar da força. Esse mesmo homem, contudo, torna-se obcecado por ela e, ao perceber que Caridad estava apaixonada por Esmeralda, uma assistente social que trabalhava em um novo centro criado para lidar com a crise de estupros, e não conseguindo obter o corpo de Caridad, estupra Esmeralda, na intenção, como não consegue possuir Caridad, de brutalizá-la (ANZALDÚA, 1993). As duas, então, partem para vila ancestral de Esmeralda. Mas, ao perceberem que Francisco el Penitente as seguiu, dão as mãos e pulam do precipício.

[...] apenas a divindade espiritual Tsichtinako chamando alto com uma voz como o vento, guiando as duas mulheres de volta, não para os raios do sol ou para as nuvens, mas para baixo, nas profundezas da terra escura e úmida onde Esmeralda e Caridad estariam seguras e viveriam para sempre (CASTILLO, 1993, p. 211)¹⁹.

¹⁹ “Just the spirit deity Tsichtinako calling loudly with a voice like wind, guiding the two women back, not out toward the sun’s rays or up to the clouds but down, deep within the soft, moist dark earth where

Recebidas por Tsichtinako, Caridad, então, tal como a irmã Esperanza, faz sua última jornada também de retorno, mas dessa vez para o lar mais primordial, adentrando a terra, o lar primeiro, o útero sagrado.

Fe

A terceira filha de Sofia, Fe, estava aparentemente construindo a própria jornada sem grandes problemas: vinte e quatro anos, trabalhando no banco e noiva de Thomas Torres com quem estava economizando para a festa de casamento e, principalmente, para a casa do casal. A ansiedade pelo casamento em muito se dava pelo desejo de Fe de se afastar ao máximo da casa materna; da família, em suas palavras, derrotada e pouco ambiciosa; do cheiro da casa, dos animais; da loucura de La Loca; da política de Esperanza; em suma, de suas raízes familiares e culturais.

A vergonha de suas origens e o desejo de quebrar os vínculos familiares são tão fortes que levam Fe a escolher como damas de honra do casamento três mulheres brancas, colegas de trabalho, no lugar das irmãs e a nunca apresentar a própria família à família de Tom. Afinal, “Fe mal podia esperar para ir embora – da casa da mãe e também de Tome –, mas ela sairia direito, com um pouco mais de estilo e classe do que as mulheres de sua família tinham” (CASTILLO, 1993, p. 29)²⁰. Como descreve Castillo (2014), muitas filhas se casam por entender que essa é a única opção para sair de um lar abusivo ou, no caso de Fe, empobrecido, convencendo-se, mesmo se não forem felizes, de que cumpriram seu papel de mulher.

No entanto, a vida estruturada de Fe desmorona quando Tom, sofrendo de *susto*, decide romper com o compromisso. O choque é tão intenso que Fe começa a gritar ininterruptamente, tornando-se La Gritona. A condição se prolonga por um tempo até que, no mesmo dia da *Holy Restoration* de Caridad, por meio das orações de La Loca, Fe recobra sua calma e finalmente para de gritar, o que deixa prejudicadas suas cordas vocais. Porém, a vontade quase desesperada de Fe de seguir uma jornada para longe tanto da casa familiar quanto da sua tradição, a faz se casar com Casimiro, seu primo. O casamento é simbólico, pois Casimiro pertencia a uma família chicana que havia

Esmeralda and Caridad would be safe and live forever” (CASTILLO, 1993, p. 211).

²⁰ “Fe couldn’t wait until she got out – of her mother’s home as well as Tome – but she would get out properly, with a little more style and class than the women in her family had” (CASTILLO, 1993, p. 29).

rompido com uma tradição de 250 anos como pastores e se mudado para Phoenix, onde seu pai construía piscinas para os brancos ricos. Essa escolha reflete o desejo de Fe de se afastar tanto de casa como da sua terra Natal, a fim de adentrar na instituição patriarcal pelo casamento tradicional, mas também no mundo anglo-americano da cultura dominante.

Tal como Esperanza e Caridad, ao se afastar da casa e da cultura materna e adentrar em um mundo externo, um mundo com “a tão sonhada máquina de lavar louça, micro-ondas, Cuisinart e videocassete [...] que ela comprou seu próprio dinheiro suado com todos os bônus que ganhou em seu novo emprego” (CASTILLO, 1993, p. 171), Fe também encontra a morte.

Desde o trabalho no banco, Fe sempre demonstrou uma insistente tendência à perfeição. Todavia, com a voz danificada após os inúmeros dias gritando, ela é demitida. Posteriormente, começa a trabalhar em uma fábrica de materiais bélicos – símbolo máximo do poderio imperialista estadunidense –, lidando com produtos químicos. A vontade extrema de ter uma vida perfeita, fez com Fe se dedicasse ao máximo a encontrar um marido perfeito, uma casa perfeita e a ser a funcionária perfeita. Assim, “sendo tão boa em utilização e eficiência, a rainha disso, (...) ela conseguiu empregos maiores e melhores salários em pouco tempo. Ela trabalhou duro de toda forma, embora, por exemplo, ela não tenha gostado do último trabalho de limpeza que recebeu (CASTILLO, 1993, p. 181) ²¹. Nesse novo trabalho, Fe continua com sua determinação de ser a funcionária perfeita até que recebe uma nova tarefa que a afasta das demais mulheres, colocando-a em um cômodo fechado no qual ela deveria seguir limpando objetos com químicos. Entretanto, dessa vez, o químico corroe as suas luvas, suas impressões digitais, suas unhas – que por tantos anos eram feitas uma vez por semana como um símbolo de sua distinção –, e, como descobre-se posteriormente, o seu interior.

Infértil e diagnosticada com câncer, Fe morre. Mas, diferente de La Loca, ela não ressuscita, não retorna de forma espectral como Esperanza e não se regenera como Caridad. Fe, que não conseguia aceitar a construção do seu local-lar, da sua família e da sua cultura como um ponto de retorno, de acolhimento e de enraizamento, entendendo a

²¹ “Being so good at utilization and efficiency, the queen of it, (...) she was on to bigger jobs and better pay in no time. She worked hard no matter what, even though, for instance, she did not like the last cleaning job she was given” (CASTILLO, 1993, p. 181).

casa materna como motivo de vergonha sem conseguir se integrar ao espaço, retorna unicamente para morrer.

Um ano depois de seu casamento, tudo acabou, sonhos e pesadelos semelhantes, para aquela filha de Sofi que toda a sua vida procurou escapar do lar deprimente de sua mãe – com seu cheiro de urina de animal e hálito quente de animal e seu divã e cobertores que coçavam com carrapatos e pulgas; onde as idas e vindas dos vizinhos haviam se tornado rotina devido ao chamado de sua mãe como prefeita [...]; e onde seu pai pródigo, embora geralmente carinhoso, sempre estava com dificuldade financeira [...]. Apesar de tudo isso e muito mais, Fe descobriu-se não querendo ir para outro lugar, mas voltar para sua mãe e La Loca e até mesmo para os animais para morrer pouco antes de seu aniversário de 27 anos. A caótica casa de Sofia tornou-se um santuário do mundo ainda mais incompreensível que Fe encontrou naquele último ano de sua vida patética (CASTILLO, 1993, p. 171-172)²².

Em sua jornada dentro da cultura dominante, na busca pelo sonho americano, Fe, diferente das irmãs, não tem uma morte com algum conforto espiritual, pelo contrário. Fe apenas morre, talvez ainda sem conseguir se inserir completamente dentro do espaço materno, apesar de, no fim da vida, desejá-lo. Fe “morre completamente morta”, sendo cremada, já que pouco de seu corpo havia sobrado para um enterro. Sua teimosia em abraçar a influência colonial e imperialista, um caminho de perfeição adentro da cultura patriarcal branca, a fez ignorar todas as possibilidades de retorno, todos os inúmeros sinais de que algo estava errado, encerrando sua vida completamente com o único conforto de morrer na casa em que cresceu e que por tanto tempo renegou.

La Loca

Filha mais nova, La Loca é a primeira tanto a partir, quanto a retornar. Aos três anos, entre uivos e relinchos de agonia dos animais, La Loca morre após convulsionar. Contudo, na missa do seu enterro, ela ressuscita, causando o espanto e o temor do

²² “A year from the time of her wedding, everything ended, dreams and nightmares alike, for that daughter of Sofi who had all her life sought to escape her mother’s depressing home – with its smell of animal urine and hot animal breath and its couch and cobijas that itched with ticks and fleas; where the coming and goings of the vecinos had become routine because of her mom’s mayoral calling (...); and where her prodigal dad, though generally a sweetheart, was always hard up for cash (...). Despite all this and more, Fe found herself wanting to go nowhere else but back to her mom and La Loca and even to the animals to die just before her twenty-seventh birthday. Sofia’s chaotic home became a sanctuary from the even more incomprehensible world that Fe encountered that last year of her pathetic life” (CASTILLO, 1993, p. 171-172).

povoado. O padre, encarnação da cultura dominante patriarcal colonial cristã, questiona: “¡Hija, hija! O padre Jerome a chamou, as mãos fechadas no ar. “É este um ato de Deus ou de Satanás que a traz de volta para nós, que voou acima de nós para o telhado como um pássaro? Você é a mensageira do diabo ou um anjo alado?” (CASTILLO, 1993, p. 23)²³. Para o padre Jerome, La Loca, uma menina de apenas três anos poderia ser a encarnação do mal. No entanto, Sofia, defende a filha, sobrepondo-se a autoridade do padre. Nesse momento, La Loca toma a palavra e explica sua peregrinação:

“Escutem”, ela anunciou calmamente para a multidão, “em minha longa viagem, fui a três lugares: inferno ...” Alguém gritou alto nesse ponto. “Ao purgatório e ao céu. Deus me mandou de volta para ajudar todos vocês, para orar por todos vocês, ou se não, ou se não ...”
“Ou se não o que, filha?” Padre Jerome implorou.
“Ou se não, você e outros que duvidam como você nunca verão nosso Pai no céu!”. (CASTILLO, 1993, p. 24)²⁴.

A partir de então, La Loca, ou, como primeiro ficou conhecida, La Loca Santa, passa a ter algum tipo de alergia às pessoas. Assim, passa o resto da vida dentro de casa, primeiro aos cuidados da mãe e, com o avançar da idade, cuidando do lar, da cozinha, dos animais e das irmãs. Os únicos seres que podiam tocá-la a qualquer momento eram sua mãe e os animais, “mas sem exceções, curar suas irmãs dos traumas e injustiças de como elas foram tratadas pela sociedade – uma sociedade que ela mesma nunca experimentou pessoalmente – nunca foi questionada” (CASTILLO, 1993, p. 27)²⁵.

Desse modo, a casa para La Loca é o local-lar completo – local de proteção, de trabalho, de espiritualidade e de resistência contra a cultura dominante – descoberto não na idade adulta, como suas irmãs, mas ainda na primeira infância após sua longa jornada. Dentro de casa, La Loca encarna a tradição ancestral por meio da sua espiritualidade e do seu conhecimento vasto acerca da natureza. Conhecedora do corpo

²³ “¡Hija, hija! Father Jerome called up to her, hands clenched in the air. "Is this an act of God or of Satan that brings you back to us, that has flown up to us to the roof like a bird? Are you the devil's messenger or a winged angel?" (CASTILLO, 1993, p. 23).

²⁴ “Listen”, she announced calmly to the crowd, “on my long trip I went to three places: hell...” Someone let out a loud scream at this. “To purgatorio and to heaven. God sent me back to help you all, to pray for you all, o si no, o si no...”

“O si no, qué, hija?” Father Jerome begged.

“O si no, you, and others who doubt just like you, will never see our Father in heaven!” (CASTILLO, 1993, p. 24).

²⁵ “But without exception, healing her Sisters from the traumas and injustices they were dealt by society – a Society she herself never experienced firsthand – was never questioned” (CASTILLO, 1993, p. 27).

feminino instintivamente, ela performa abortos em Fe; por meio da sua espiritualidade, ela reza e cura a crise de gritos de Fe, a mutilação de Caridad e se comunica com La Llorona e com o espírito de Esperanza. Além disso, ela possui diversos talentos domésticos como o bordado, a cozinha, o manejo dos animais, tudo aprendido com sua mãe, Sofia, mas aperfeiçoando-o a maestria, como uma ode à tradição herdada de geração em geração.

É nesse local familiar, na terra natal primeira que é o lar, que La Loca se sente completa.

Ela cresceu em um mundo de mulheres que saíram para grande mundo e voltaram decepcionadas, desiludidas, devastadas e, eventualmente, não voltaram. Ela não se arrependia de não fazer parte daquela sociedade, nunca tendo encontrado uso para ela. Em casa ela tinha tudo de que precisava. O cuidado e o amor de sua mãe, suas irmãs, que, a seu modo, mostraram seu afeto e preocupação por ela, e ela, por sua vez, por elas (CASTILLO, 1993, 154).²⁶

O lar, para La Loca, em nada se assemelha ao lar branco burguês neutro, pelo contrário, é local de crescimento, de desenvolvimento espiritual e cultural. Diferente das irmãs que procuraram se encontrar em diversas buscas por diferentes caminhos, La Loca só precisa da jornada feita aos três anos de idade para rapidamente aceitar a complexidade da sua casa, da sua família e da sua cultura.

Apesar de sua consciência acerca de si e dos seus, La Loca não escapa do destino trágico das suas irmãs. Misteriosamente, ela é diagnosticada com AIDS, definha e morre. A morte de La Loca funciona, então, como um alerta de que o indivíduo mesmo consciente de seu lugar no mundo, comungando de suas raízes e valorizando a sua ancestralidade e não se alienando às instituições dominantes, está em constante combate.

No entanto, ao morrer nos braços da “Dama de Azul” [“the Lady in Blue” (CASTILLO, 1993, p. 244-245)], ela tem sua recompensa. Abraçada seja por La Llorona, Coatlicue, a Virgem de Guadalupe ou outra deusa ancestral, La Loca morre sorrindo por saber que mesmo tendo passado a vida inteira dentro de sua casa, isto é, do

²⁶ “She had grown up in a world of women who went out into the bigger world and came back disappointed disillusioned, devastated, and eventually not at all. She did not regret not being part of that society, never having found any use for it. At home she had everything she needed. Her mother’s care and love, her sisters, who, each in the their own way, had shown their affection and concern for her, and she, in turn, for them” (CASTILLO, 1993, 154).

seu local-lar, da sua terra natal, da sua cultura, ela é alguém que tinha um vasto conhecimento acerca do mundo em um reconhecimento da herança popular ancestral.

Conclusão

As cinco mulheres aqui apresentadas – Sofia, Esperanza, Caridad, Fe e La Loca – possuem histórias distintas, mas que se inter cruzam e se conectam. Enquanto Sofia lutava contra a sua expulsão de seu lar, todas as quatro filhas, em algum momento, partem, entrando em colisão com a cultura dominante. Entretanto, o ponto central das suas jornadas encontra-se em seus retornos.

Ao retornar para o lar materno, para a terra natal, essas mulheres (re)descobrem suas identidades, espiritualidades e ancestralidades. O lar, nesse contexto, nunca foi o lugar alegadamente neutro da burguesia branca, mas sim um local vivo de enraizamento e contradições típico da consciência *mestiza* descrito por Anzaldúa (2012). Afinal, como destaca Ana Castillo (2014, p. 18):

Deixando a nação de lado, há uma conexão visceral dentro de mim com a terra de meus ancestrais. Se em busca de refúgio dos Estados Unidos eu fixasse residência em qualquer outro continente, o âmago do meu ser ansiaria por um retorno a essas terras. A memória coletiva que compartilho com outros índios e mestiços e mestiças me faz ansiar por reivindicar esses territórios como minha pátria espiritual.²⁷

Ana Castillo, então, tanto ao falar de si quanto na sua obra literária, expressa a complexidade chicana que, por muitas vezes, pode querer ir e desejar o lar. Na obra, o vínculo das mulheres apresentadas com o lar reflete possíveis relações das mulheres chicanas com seus lares, especialmente em um sentido de resistência contra os sistemas de dominação, ao passo que podem ser entendidos tanto como espaços de luta, quanto de acolhimento e segurança. Portanto, concluo que o conceito casa pode ser diferentemente compreendido se abandonarmos a prevalência do conceito feminista hegemônico e passarmos a analisá-lo sob um olhar decolonial, passando a entender, tal como salienta Cherríe Moraga e Gloria Anzaldúa (2015), que a revolução começa em casa [“The Revolution begins at home” (p. xlvii)].

²⁷ “Nationhood aside, there is a visceral connection within me for the land of my ancestors. If in search of refuge from the United States I took up residence on any other continent, the core of my being would long for a return to these lands. The collective memory that I share with other indígenas and mestizos and mestizas makes me yearn to claim these territories as my spiritual homeland” (CASTILLO, 2014, p. 18).

Referências

- ANZALDÚA, G. *Bordelands/La Frontera*. The new mestiza. São Francisco: Aunt Lute Books, 2012.
- ANZALDÚA, G. *Light in the dark / Luz en lo oscuro*: rewriting identity, spirituality, reality. Carolina do Norte: Duke University Press, 2015.
- CASTILLO, A. *So Far from God*. Nova York: Norton, 2005 [1993].
- CASTILLO, A. *Massacre of the Dreamers*. Albuquerque: University of the New Mexico Press, 2014.
- CURIEL, O. Construindo metodologias feministas a partir do feminismo decolonial. In.: HOLLANDA, H (Org). *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.
- ESTÉS, C. P. *Mulheres que correm com os lobos*. Mitos e histórias do arquétipo da Mulher Selvagem. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.
- HOOKS, B. *Yearning: race, gender, and cultural politics*. Boston: South End Press, 1990.
- LUGONES, M. Colonialidade e gênero. In.: HOLLANDA, H (Org). *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.
- MORAGA, C; ANZALDÚA, G. *This bridge called my back: Writings by Radical Women of Color*. Nova York: State University of New York Press, 2015.
- STREHLE, S. *Transnational women's fiction*. Unsettling Home and Homeland. Nova York: Palgrave Macmillan, 2008.

THE DECOLONIZATION OF THE WOMAN-HOUSE RELATIONSHIP IN SO FAR FROM GOD (1993), BY ANA CASTILLO

ABSTRACT

Hegemonically, the woman-house relationship is understood from the perspective of home as oppressive. Realizing the necessary decolonization of this relationship, the objective of this paper is to think of it in *So Far from God* (1993), by Ana Castillo. So, was used decolonial feminist theories such as María Lugones (2020) to review hegemonic concepts; Susan Strehle (2008) and bell hooks (1990) to focus on the woman-house relationship; and theorists as Gloria Anzaldúa (2012, 2015) and Castillo (2014) about the Chicano reality. It was concluded that the

house differs from the hegemonic proposal when analyzed decolonially, reverberating refuge and resistance against colonial patriarchal oppression.

Keywords: Decoloniality, Chicano Literature, Identity, Chicano Feminism.

Recebido em: 10/07/2022

Aprovado em: 05/11/2022